

Sem a loucura,
que é o homem mais que a besta sadia
cadáver adiado que procria?

Fernando *Antônio Nogueira* Pessoa (1888/1935)

Só aos sábios o reveles,
pois o vulgo zomba logo:
quero louvar o vivente
que aspira à morte no fogo.

de Anelo, *Johann Wolfgang Goethe* (1749/1832)

Alada, corta o espaço uma estrela cadente.
As folhas fremem. Sopra o vento. A sombra avança.
Paira no ar um langor de mística esperança
e de doçura triste, inexprimivelmente.

À surdina da luz irrompe, de repente,
o coro vesperal das cigarras. E mansa,
e marmórea, no céu, curvo e claro, balança,
entre nuvens de opala, a concha do crescente.

Na alma, como na terra, a noite nasce. É quando,
de recôndita paz das horas esquecidas,
vão, ao luar da saudade, os sonhos acordando...

E, na torre do peito, em plácidas batidas,
melancolicamente, o coração chorando,
plange o réquiem de amor das ilusões perdidas.

Crepúsculo, *José Martins Fontes* (1884/1937)

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, ócio dourado.
O cérebro eletrônico,
o músculo mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O de metal não tornará
o homem mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-corporal?

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?

A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.

Ó máquina, orai por nós.

Ladainha, *Cassiano Ricardo Leite* (1895/1974)

Por lo que dices, Fabio,
un arcángel tu abuelo fue con sus esclavos.
Mi abuelo, en cambio,
fue un diablo con sus amos.
El tuyo murió de un garrotazo.
Al mío, lo colgaron.

Em 1969
Ancestros, *Nicolás Cristóbal Guillén Batista* (1902/1989)

Olhos que foram olhos, dois buracos
agora, fundos, no ondular da poeira...
Nem negros, nem azuis e nem opacos.
Caveira!

Nariz de linhas, correções audazes,
de expressão aquilina e feiticeira,
onde os olfatos virginais, falazes?!
Caveira! Caveira!!

Boca de dentes límpidos e finos,
de curva leve, original, ligeira,
que é feito dos teus risos cristalinos?!
Caveira! Caveira!! Caveira!!

Caveira, *João da Cruz e Souza* (1863/1898)

Todos (cantando más lentamente y como com temor)
¿Te vas lejos, muy lejos
del mar y de la tierra?

Voz de Federico (com mayor gravedad)

Se há llenado de luces
mi corazón de seda,
de campanas perdidas,
de lirios y de abejas,
y yo me miré muy lejos,
más allá de esas sierras,
mas allá de los mares,
cerca de las estrellas,
para pedirle a Cristo
Señor que me devuelva
mi alma antigua de niño,
madura de leyendas,
con el gorro de plumas
y el sable de madera.

El Crimen Fue en Granada
(Tragedia española en dos actos),
de Jose Gerardo Manrique de Lara, 1985

Como ama o homem adúltero o adultério
e o ébrio a garrafa tóxica de rum,
amo o coveiro – este ladrão comum
que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!
é o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*,
é a morte, é esse danado número *Um*
que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente,
na generalidade decrescente
com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa,
que o homem universal de amanhã vença
o homem particular eu que ontem fui!

Último Credo,
Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884/1914)

Quem terá sido o gênio
que inventou as lágrimas
a gás lacrimogênio,
que não são minhas em meus olhos?

Cassiano Ricardo

Ninguém briga,
à hora (verde) do almoço.
Mas, após, por um osso.

Cassiano Ricardo

O mundo poderá ser salvo
se o homem desfizer a distância
que o separa de sua infância.

Cassiano Ricardo

HAIJINS ARGENTINOS

Llegó el invierno.
El silencio del árbol
recién podado.

Liria Miyakawa

Sienten los pies
festival de cristales
cardos y escarcha.

Maria Haydee Aguillar Campos

KIDAIAS DE OUTONO

Dia do trabalho
desempregado procura
como festejar.
Alba Christina *Campos Neto*

Painel de Portinari.
Homens carregam sacos.

Dia do Trabalho.
Albertina Canedo Gomes dos Santos

Filas enormes
homens esperam impacientes
Dia do Trabalho.
Carlos Roque *Barbosa de Jesus*

Por mais que se esconda
a mexerica roubada,
o cheiro incrimina.
Cecy Tupinambá *Ulhóa*

Na barra da saia
do lago azul um babado.
Cristas-de-galo.
Darly *A. de Oliveira Barros*

Debaixo da paineira
piso um tapete branco.
Ventou toda a noite.
Djalda *Winter Santos*

Cidade cinzenta...
ao alargar-se uma rua,
rôsea paineira!
Douglas Eder *Brotto*

Do labor diário
o mundo descansa no
dia do trabalho!
Edmar *Japiassú Maia*

Horizontes de ouro
verde em terras rochas. Bóias
frias garimpando.
Eduardo Lopes *Veicira*

Pausa em lufa-lufa...
Floridos vasos de orquidea
contemplo na estufa.
Fernando *Lopes de Almeida Soares*

Goiaíba madura
bicada por sabiás,
perfumando a horta.
Fernando *Vasconcelos*

No jardim a orquidea,
com cores encantadoras.

Mavioso arco-íris.
Haroldo *Rodrigues de Castro*

Calada da noite.
Percebo um grilo na horta.
Fico grilado.
Hélvécio *Durso*

Primeiro de maio,
Dia do Trabalho. Há festa
de operários tristes...
Hermoclydes *Siqueira Franco*

Dia do Trabalho!
Praia, cinemas e bares
repletos de gente...
Humberto *Del Maestro*

Orquidea amarela
chuva de ouro no vaso
verdade ou é tela?
Joana de *Toledo Machado*

Dia do Trabalho.
Operário escravizado
assiste festejos...
João *Batista Serra*

Na velha paineira
os frutos soltam no ar
seus flocos de neve.
Leda *Mendes Jorge*

Dia do Trabalho.
Operário despedido,
emola nas ruas...
Leonilda *Hilgenberg
Justus*

Sonolência atroz
uma invasora implacável:
"Dia do Trabalho".
Ligia *Scholze Borges Tomarchio*

Até um grilo canta
o encanto da bela lua:
vejo... ouço... durmo...
Luís *Koshitiro Tokutake*

No Dia do Trabalho
chegam em mim ondas... de
carro!
cobro no pedágio...
M. U. *Moncam*

Um grilo atrevido
também canta no banheiro.
Até eu encontrá-lo...
Maria de *Jesus Baptista de Mello*

Silêncio na rua.
Cidade toda, descansa.
Dia do Trabalho.
Maria *Reginato Labruciano*

No Dia do Trabalho,
praia lotada... que ótimo:
– vendo caipirinha!...
Mariemy *Tokumu*

Mexo, remexo o tacho.
Goiabada quase pronta.
Aroma no ar!...
Olíria *Alvarenga*

Explode o botão em flor.
O passarinho insiste
beijar a orquidea.
Paulo *Alfredo Feitoza Bohn*

Primeiro de maio,
como é o dia do trabalho
vamos vadear.
Salma *Lasmar Duarte*

Buzinas. Motores.
Na praça, um coral de grilos.
Ninguém ouve o canto.
Níngüo *Bernardo*

Vaso na janela
crista-de-galo vermelha
vovó zelosa.
Sergio de *Jesus Luizato*

Kígos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.05.98:

Descoberta do Brasil, Folha Amarelada, Libélula.

Até o dia 10.06.98:

Dourado, Laranja-de-umbigo, Relâmpago.

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haicai com kidaí, ou seja, haicai com tema da estação, por conter, *como assunto principal*, o kigo. O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou officio, escrever o nome e o endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.

2. Posteriormente o haicaiста receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicaiста se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaiста selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

"Ao escrever um haicai, obviamente o poeta nele reflete o seu estado de alma. Fotografia e revela a sua imagem inspiradora, mas não esgota a sua emoção, e nem traz à luz o plano geral do seu tema, e se o traz é de forma tão sucinta, tão condensada, que só a lente de nossa sensibilidade poderá percebê-lo. O haicaiста não esgota o motivo, o tema versejado, ou, se o esgota, nos oferece, apenas, a miniatura do seu edifício poético." (Lyad *Sebastião Guimarães* de Almeida, citado por Carlos Verçosa em Oku – Viajando com Bashô, 1996).

Ensaio na quadra,
desespero dos vizinhos:
escola de samba:
Sergio de *Jesus Luizato*

Gaveta da cômoda
em meio a cartas de amor
um casal de traças...
Darly *A. de Oliveira Barros*

A traça atravessa
uma Bíblia seiscentista,
no tempo e no espaço!...
Hermoclydes *Siqueira Franco*

Ameaça às roupas
por um pequeno animal
sem pé nem cabeça.
Renata *Paccola Frischkorn*

Dos tempos de ator,
um baú de roupas velhas:
festa para as traças.
Renata *Paccola Frischkorn*

Escola de samba
perfurada jaz no chão:
tapete com traça!...
Luís *Koshitiro Tokutake*

Na estante, em silêncio,
vivem traças, perfurando
túneis entre os livros!...
Maria *Madalena Ferreira*

Ninguém terá cartas,
que hoje é Dia do Carteiro.
Releio as antigas...
Hermoclydes *Siqueira Franco*

Sonho e Fantasia
nas ruas de Fevereiro:
– Escola de Samba...
Maria *Madalena Ferreira*

As traças e o tempo
roeram todas lembranças,
da velha senhora.
Maria *Reginato Labruciano*

IPÊS EM FOLHA

Pais do futuro,
com tanta Escola de Samba...
Povo analfabeto!
Humberto *Del Maestro*

A traça estralçalha
a cortina de veludo.
Entra o sol na sala...
Ercy *Maria Marques de Faria*

O pesquisador
examina o calendário...
João *Batista Serra*

Manhã de domingo,
examinando o calendário...
Dia do Carteiro.
João *Batista Serra*

Eu noto sem graça
estrago na minha calça...
Ah! Maldita traça!
Luís *Koshitiro Tokutake*

A onça pintada
perfurada jaz no chão:
tapete com traça!...
Luís *Koshitiro Tokutake*

Das velhas lembranças
primeira carta de amor
foi janjar de traças.
Sergio de *Jesus Luizato*

Dia do Carteiro.
Mochila de quinze quilos
percorre o setor.
Olga *Amorim*

Pulvéver guardado,
cobertas, mantas de lã...
Cardápio da compra.
Alba *Christina Campos Neto*

Toca a campainha.
Mesmo no Dia do Carteiro,
recebo uma carta.
José *Neres Reis*

Viajem turística
de uma traça clandestina.
Mudança de casa...
Darly *A. de Oliveira Barros*

Escola de samba
sonho do ano todo finda
em cinzas na quarta...
Mariemy *Tokumu*

Escola de Samba:
rivaliza com a traça,
na busca do livro!
Heloísa *Sauerbronn Brandão*

A chuva batuca
sobre o telhado de zinco,
da Escola de Samba.
Maria *Reginato Labruciano*

Dia do Carteiro
o cão bravo nada sabe
correr o coitado...
Mariemy *Tokumu*

Cartão muito antigo,
lembrança de um grande amor...
Roldo de traça!
Albertina *Canedo G. dos Santos*

Lembrança feliz
de um Portador de esperanças:
– "Dia do Carteiro"...
Maria *Madalena Ferreira*

Dia do Carteiro,
vinte e cinco de janeiro...
– cartas e mais cartas!
Humberto *Del Maestro*

A traça danada
não deixa de deixar traças
na roupa da gente.
João *Batista Serra*

Dia do Carteiro.
Outra entrega em sua casa
conta atrasada...
M. U. *Moncam*

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera- os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteco da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

– Quem é a peste que está chorando ai?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

– Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a *bugnônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma *novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava

Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

– Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da agulha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela estória do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha – coisa de rir – um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta – atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

– “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é a peste – e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitatíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

– Eu curo ela! Disse – e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

– Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

– Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

– Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e *zás!* na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

– Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, afim de receber o vigário que chegava.

– Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária – mas que trabalhadeira me dá!

– A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora, murmurou o padre.

– Sim, mas cansa...

– Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

– Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Que? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição de desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha crescer aos já conhecidos – a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.

– Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosas.

– Quem há de ser? disse a tia, num suspiro de vítima. Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

– Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! – refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirizinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo.

– Meus brinquedos! Reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos. Que maravilha! Um cavalo de pau!...

Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

– É feita?... perguntou extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

– Nunca viu boneca?

– Boneca? Repetiu Negrinha. Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

– Como é boba! disseram. E você como se chama?

– Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

– Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreviveu foi a coisa mais inesperada do mundo – estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

– Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu

mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório, e o momento dos filhos – definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi – e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atenzava tanto e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas a dentro do seu doloroso inferno, envenenara-a

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, e cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

– “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no dó dos dedos de dona Inácia.

– “Como era boa para um cocre!...”

*Novena de relho: surra de chicote durante nove dias.